



Belo Horizonte, 12 de abril de 2019

## À enfermagem obstétrica brasileira

Hoje, **12 de abril**, dia em que a ABENFO Nacional chama a todas/todos a comemorar o dia da enfermagem obstétrica. Neste dia, de **comemoração-resistência** em nome da ABENFO Nacional e suas seccionais queremos falar de esperança, do verbo esperar. Esperar, como nos ensinou Paulo Freire, é juntar-se com outras/outros a fazer de outro modo. Essa perspectiva nos clama à urgência de produzir esperança (do verbo esperar) de modo a responder aos desafios do nosso tempo na saúde das mulheres, na saúde dos homens, na saúde das comunidades, e em especial na atenção obstétrica e neonatal.

Nesta data de **comemoração-resistência** devemos lembrar que:

Os corpos e as interações sociais se refletem nas percepções construídas sobre os indivíduos e suas subjetividades. É dito por Simone Beauvoir “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, e portanto as situações que perpassam a vidas desses seres constroem o seu existir/resistir. As mulheres ao longo de sua história têm lutado e por isso têm resistido na/pela ocupação dos corpos, os quais a elas pertencem, e também pela permanência (autônoma) de seus corpos no ambiente social. O enfrentamento dos desafios que atravessam as questões de gênero, raça-cor perpetuam em diversas instâncias, que vão desde as suas vidas, trabalho e até a luta pelos direitos humanos que devem ser garantidos a esse grupo.

A enfermagem tem muitos dos seus alicerces na força do feminino. A estigmatização da profissão e a sua resistência advém desse histórico social da construção da idealização do feminino. A ligação forte com questões pouco privilegiadas como as questões de gênero, as questões raciais e outras relativas às vulnerabilidades das mulheres nos convocam à interação desta temática com o movimento das mulheres pela luta de uma melhor atenção e cuidado em saúde.

A enfermagem obstétrica possui uma relação direta com as singularidades presentes nas diversidades do ser mulher, bem como às expressões que constituem o “tornar-se mulher”.

Como profissionais da enfermagem nos cabe como trabalhadoras/trabalhadores da saúde enfrentar os desafios que obstaculizam as possibilidades desses corpos serem reconhecidos, preservados e cuidados, estando essas pessoas como mulheres, tornarem-se presentes nos serviços de saúde, e neste cenário assumir seu “lugar de fala”, que é composto majoritariamente por mulheres.

Cabe-nos como enfermeiras e enfermeiros obstetras promover a humanização na atenção e a integralidade no cuidado. Para isso é fundamental nos debruçarmos nos desafios que impõe as vulnerabilidades e os determinantes sociais que passam pela temática de gênero e transcorrem as questões étnico-raciais e de classe. Assim, conclamamos a todas/todos a uma mobilização na enfermagem e no setor saúde, para que possamos mudar o cenário de desigualdade e iniquidades nesta área.

Para isso, é importante reconhecer alguns desafios, tais como os índices registrados no Sistema de informação sobre mortalidade (SIM), os quais evidenciam que 64% da mortalidade materna atinge as mulheres negras. Outros

dados também são alarmantes: apenas 33,9% das mulheres pretas recebem informações sobre o pré-natal e o risco da gravidez, enquanto entre as brancas esse índice é de 80%. Ainda outros aspectos que devem ser considerados: o machismo, racismo e a marginalização da maioria dessas mulheres são observadas nas instituições de saúde. Deste modo, retomamos à convocação especialmente da enfermagem obstétrica, a reconhecer “seu lugar de fala” e deste lugar corresponsabilizar-se / comprometer-se na criação e implementação de estratégias para o enfrentamento e mudança desse cenário e assim, efetivar os direitos destas mulheres e de seus corpos/subjetividades nos espaços os quais eles ocupam. Retomemos o ensinamento de Paulo Freire: Esperança é juntar-se a outras/outros para fazer de outro modo. Neste dia de **comemoração-resistência convocamos os trabalhadores da saúde para que juntos lutemos pelo fortalecimento dos princípios que regem o SUS.**

*Texto produzido por Fernanda Alves do Nascimento e Fernando Ferreira Dias, alunos negros da Escola de Enfermagem da UFMG, cotistas, militantes do movimento negro e membros do Núcleo de Pesquisas em Saúde da Mulher e Gênero - NUPESMeG.*

*Kleyde Ventura de Souza. Mulher. Negra. Enfermeira Obstetra. Professora da Escola de Enfermagem da UFMG. Coordenadora Nacional da Rede Internacional de Enfermagem SaMuNeo. Coordenadora do NUPESMeG-MG. Presidente da ABENFO Nacional (Gestão 2018 - 2020).*